

FÁBULA: CARACTERÍSTICAS A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS GÊNEROS DISCURSIVOS/TEXTUAIS

Marilúcia dos Santos Domingos Striquer¹
José Aparecido Moreira²

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar um modelo didático do gênero fábula. Para tanto, tomou-se como aporte teórico-metodológico os pressupostos do Interacionismo Sociodiscursivo, tendo como ferramenta mais específica do Dispositivo Didático sugerido por Barros (2012). A intenção primeira foi, a partir do modelo, construir uma sequência didática para o ensino e aprendizagem da língua portuguesa tendo como eixo organizador a fábula, destinada ao o 6º ano do ensino fundamental. Os resultados demonstram as especificidades socio-comunicativas, discursivas e linguístico-discursivas características do gênero em questão.

Palavras-chave: Gênero discursivo/textual; Fábula; Modelo didático do gênero.

Abstract: This article aims to present a didactic model of the genre fable. For that, the Sociodiscursive Interactionism's assumptions were taken as a theoretical-methodological contribution, having as a more specific tool the Didactic Device suggested by Barros (2012). The first intention was, from the model, to construct a didactic sequence for the teaching and learning of the Portuguese language, having as organizing axis the fable, destined to the 6th grade of elementary school. The results pointed out the socio-communicative, discursive and linguistic-discursive specificities of the genre in question.

Keywords: Discursive/textual genre; Fable; Didactic model of the genre.

Artigo submetido em: 24/07/2019

Artigo aprovado em: 12/10/2019

¹ Doutora em Estudos da Linguagem. Professora adjunta da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). E-mail: marilucia@uenp.edu.br.

² Mestre em Letras. Professora da Secretaria de Educação do Estado do Paraná. E-mail: joseprof@hotmail.com.

Introdução

Pautados nos preceitos da vertente didática do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), compreendemos que é preciso que a escola instrumentalize o aluno para que ele seja capaz de praticar a leitura, a escrita e a oralidade com competência nos mais variados eventos comunicativos dos quais participa ao longo da vida. Nesse sentido, o ISD, assim como os documentados prescritivos da prática docente, no Brasil, orientam que os gêneros devem ser tomados como conteúdos de ensino e de aprendizagem pelos professores de Língua Portuguesa.

Logo, como docentes da educação básica estamos sempre em busca de desenvolver projetos de ensino que tomem os diversos e diferentes gêneros como eixo organizador de nossas aulas. De forma mais concreta, interessamo-nos em organizar um projeto para o 6º ano do ensino fundamental, tendo como eixo organizador a fábula, porque diante de nossa experiência profissional adquirida ao longo de muitos anos os alunos dessa série têm acentuadas dificuldades de leitura e de produção textual. Além disso, esse gênero está constantemente presente no programa de ensino do 6º ano, sobretudo, porque promove reflexões e debates a respeito dos valores éticos e morais presentes na sociedade ao longo dos tempos, o que vimos como importante ferramenta para o aprimoramento da criticidade o leitor e produtor de texto em formação.

Para a construção teórica e metodológica do referido projeto, nos pautamos sobre os pressupostos do ISD que sugerem uma série de procedimentos para a transposição dos gêneros para a sala de aula, de forma sintética, com a construção de modelos didáticos de gênero e a partir dos resultados revelados no modelo, a elaboração de sequências didáticas. Neste trabalho em específico, que é parte de uma pesquisa maior³, apresentamos a etapa de elaboração do modelo didático do gênero fábula.

³ Este artigo é parte da dissertação de mestrado de Marilúcia dos Santos Domingos Striquer (2017).

Modelo didático

O modelo didático de um gênero (MD), segundo Machado e Cristovão (2006), é um instrumento facilitador do processo de ensino, pois sua construção permite a identificação pelo analista/professor das principais características do gênero e das dimensões a serem ensinadas adequadas a um determinado nível de ensino. Também é facilitador do trabalho do professor na elaboração do conjunto de atividades e tarefas para o ensino e a aprendizagem do gênero, uma vez que a partir do que foi conhecido como característica do gênero no modelo, a sequencia didática podem ser elaboradas. Segundo Dolz e Schneuwly (2004),

Um modelo didático apresenta, então, em resumo, duas grandes características: 1. ele se constitui uma síntese com objetivo prático, destinada a orientar as intervenções dos professores; 2. ele evidencia as dimensões ensináveis, com base nas quais diversas sequências didáticas podem ser concebidas. (p. 82)

Os procedimentos para a construção de um MD, segundo os pesquisadores do ISD, entre eles Barros (2012), consiste, como primeiro passo, no estudo das definições do gênero em questão realizados por especialistas. Depois, a partir da seleção de um conjunto de exemplares do gênero o analista/professor realiza uma análise dos elementos socio-comunicativos, discursivos e linguísticos que caracterizam a regularidade do gênero. Para a realização dessa segunda etapa, Barros (2012) sugere a aplicação ao conjunto de exemplares de um quadro de perguntas norteadoras, quadro denominado de Dispositivo didático para a modelização do gênero (DS). Em síntese, as questões que formam o DS buscam conhecer:

a) Os elementos que formam o contexto de produção do gênero, por exemplo: A qual esfera e prática social o gênero está vinculado? É oral ou escrito? Quem produz esse gênero e qual o papel discursivo desse emissor? Para quem se dirige e qual o papel discursivo do destinatário? Com que finalidade o gênero é produzido? Quais temas são

tratados? Qual o valor do gênero na sociedade? Qual o suporte e onde circula?

b) As características discursivas do gênero: Qual o tipo de discurso empregado na organização do conteúdo temático? Como é a estrutura geral do texto: tem título, leva a assinatura do autor, etc? Qual o tipo de sequência textual predominante?

c) As características linguístico-discursivas: Como é construída a coesão verbal e por quais estratégias? Quais os tempos e os modos verbais usados? Quais os tipos de conectivo usados: lógico, temporal, espacial? Qual a variedade linguística empregada? Como são mobilizados os sinais de pontuação? Que vozes são frequentes no texto? Quais processos de modalização discursiva são mais frequentes? (BARROS, 2012, p. 20).

Norteados pelo DS, buscamos construir o modelo didático do gênero fábula.

Um modelo didático do gênero discursivo/textual fábula

Nosso corpus é formado por 9 fábulas de La Fontaine, traduzidas e adaptadas em prosa por René Ferri e publicadas por esse autor, na coleção: FERRI, René. *Fábulas de La Fontaine: obra-prima da Literatura Universal*, São Paulo, Editora Escala, 2010.

A coleção é formada por 3 volumes contendo 22 fábulas em cada volume. Dos 66 textos totais, elegemos de forma aleatória 9, a saber: *A rã que queria ser do tamanho touro; As duas mulas; A andorinha e os outros passarinhos; O lobo e o cordeiro; O grande congresso dos ratos; Os dois touros e a rã; O leão e o mosquito; O leão e o rato e A raposa e o bode.*

Assim, para conhecer a definição do gênero fábula, conforme procedimento sugerido por Barros (2012), nos respaldamos nas contribuições de Coelho (1982; 2000), Machado (1994), Fernandes (2001), Bagno (2006), Oliveira, Rodrigues e Campos (2009).

De acordo com Coelho (1982), o termo fábula é de origem latina e grega, significa dizer, contar algo, e é, sinteticamente, uma narrativa simbólica de uma situação vivida por animais que representa humanos, tendo como objetivo fazer refletir, discutir e transmitir

valores éticos e morais estabelecidos em nossa sociedade. Esse caráter de ser um gênero que objetiva transmitir ensinamentos é o destaque dado por Machado (1994), junto ao fato desse ser um gênero muito antigo e que se encontra presente em praticamente todas as culturas e em todos os períodos históricos, a autora reforça a sua importância de estar presente nos currículos escolares. Não diferente é a apresentação do gênero realizada por Oliveira, Rodrigues e Campos (2009) e também por Bagno (2006), de quem ressaltamos apenas a afirmativa de que a fábula tem a função social de ilustrar algum vício ou virtude de um segmento da sociedade, promovendo reflexões que se instituem, principalmente, com a construção da moral da história.

Segundo Fernandes (2001), as fábulas são contadas há aproximadamente 2600 a.C. No entanto, não há como afirmar com exatidão quem foi o seu criador, nem onde surgiram, mas, de acordo com a autora, existem registros indicando que nasceu no Oriente e foi difundida na Grécia por um escravo chamado Esopo, há 2.600 a.C.. A finalidade era a de aconselhar e distrair os adultos e também servia como alerta dos perigos que poderiam acontecer à sociedade. No Ocidente, foi ganhando uma nova roupagem a partir de Esopo (séculos VII e VI a.C.), mas somente um século depois foi sendo aperfeiçoada estilisticamente pelo escravo Fedro (15 anos a. C. – 50 d. C.), conforme defende Fernandes (2001). Já no séc. XVI, sem grande repercussão, foi descoberta e reinventada por Leonardo da Vinci. E foi, de acordo com Coelho (2000), no século XVII que surgiu na França um dos mais importantes fabulistas da história, Jean de La Fontaine (1616-1695).

La Fontaine atribuiu às fábulas características literárias próprias da poesia, por exemplo: construção em rimas, detalhamento das personagens com destaque às características que formavam a personalidade e o caráter de um segmento social que pretendia-se criticar na história.

Importante ainda destacar que a fábula nasceu como um gênero oral e assim circulou por muito tempo, mas logo passou a integrar-se também aos gêneros escritos. De

uma forma ou de outra, pode ser considerada, pela complexidade que a forma, um gênero secundário, conforme categorização de Bakhtin (1997).

As características contextuais da fábula

Respondendo as perguntas do DS (BARROS, 2012), a fábula é um gênero pertencente a esfera literária, a qual, segundo Cândido (1972 apud PARANÁ, 2008) preocupa-se com a arte das palavras e com a transformação e humanização do homem e da sociedade por meio de três funções, a função psicológica, a formadora e a social. De forma sintética, a psicológica visa legar o homem a uma fuga da realidade mergulhando no mundo de fantasias, o que é importante para o desenvolvimento da imaginação, da criação, etc. A função formadora, a literatura instrumentaliza a educação dando condições de retratar realidades não reveladas pela ideologia dominante; E a função social é que permite que todos os segmentos sociais sejam representados.

A prática social na qual o gênero está inserido define-se pela ação do homem de refletir sobre valores morais e éticos que formam uma sociedade, em um determinado tempo histórico, com o intuito de discutir, transformar comportamentos e transmitir ensinamentos (COELHO, 1982). Fernandes (2001) explica que, no período em que as fábulas de La Fontaine foram criadas, intelectuais, filósofos e pensadores reuniam-se nos salões dos nobres para conversar sobre o modo de vida da sociedade. Para essas pessoas, a razão era a capacidade do homem de avaliar, de estabelecer relações, de compreender as coisas, e as ações deveriam sempre ser guiadas pela honestidade, justiça e bondade. Logo, pregavam que os valores e atitudes das pessoas precisavam de uma maior conciliação com a razão. Portanto, a fábula existia com a finalidade de contar histórias para criticar as ações das pessoas e levá-las a refletir sobre preceitos éticos e morais em suas atitudes.

Sobre quem produz esse gênero e qual o papel discursivo desse emissor (BARROS, 2012), a pessoa física que escreveu as fábulas que foram nosso *corpus* é La Fontaine, um

dos pensadores do século XVII, que passou a utilizar o gênero para denunciar as misérias e as injustiças de sua época, através da personificação dos animais, utilizando-se de ironia para expor o comportamento daqueles que o ouviam nos salões da corte (FERNANDES, 2001). Fernandes (2001) explica que no período em que La Fontaine contava suas fábulas, a França vivia sob o poder de reis e nobres que possuíam grandes quantidades de terras e enriqueciam com a exploração dos homens do campo, mas isso não podia ser tratado abertamente, pois o fabulista podia ser condenado à morte por conspiração. Assim La Fontaine utilizava as fábulas para se expressar. Então, o papel discursivo de La Fontaine, como autor das fábulas, é a de crítico dos comportamentos e situações de injustiça de um segmento da sociedade.

As fábulas de La Fontaine foram reunidas em 12 livros, os 6 primeiros publicados em 1668 e os outros entre 1678 e 1694.

Como mencionado, os destinatários, iniciais, das histórias de La Fontaine eram os intelectuais, filósofos, escritores e cidadãos que transitavam pelos palácios e salões nobres do século XVII (FERNANDES, 2001). Apesar desse público ser formado por adultos e crianças, as narrativas se dirigiam principalmente aos adultos.

Investigando os destinatários das fábulas hoje, considerando nosso conjunto de exemplares publicado no ano de 2010, podemos compreender que a fábula além de compor os acervos pessoais, as bibliotecas das escolas, dos municípios, etc., é muito utilizada, na escola, como instrumento para o letramento. Segundo Bagno (2006), é uma importante aliada do trabalho pedagógico com a língua oral, a leitura e a língua escrita, por ser formada de histórias de fácil memorização estão muito presentes nos materiais didáticos destinados a crianças em início da escolarização. Assim, de acordo com Rodrigues, Lima e Martins (2016), a fábula tem também, para a escola, o objetivo de ser ferramenta para o processo de formação de leitores e produtores de textos críticos, visto que desperta o gosto pela leitura, por ter um cunho de ludicidade, e propor reflexões sobre os comportamentos sociais.

As características discursivas

Observando o plano geral, a estrutura forma das 9 fábulas, elas são formadas de título, o qual traz, geralmente, nome(s) da(s) personagem(ens), por exemplo: *O leão e o rato*. Ou o título destaca o principal acontecimento da história, exemplo: *O grande congresso dos ratos*. O segundo element é o texto propriamente dito, constituído por uma sequência textual predominantemente narrativa. E, o terceiro element é a moral da história, que caracteriza-se por ser um conselho ou uma avaliação de juízo de valor, estrategicamente apresentado ao final do texto, momento oportuno para uma reflexão por parte do leitor. Exemplo: “Paciência e persistência às vezes conseguem mais do que força e fúria” (*O leão e o rato*) (FERRI, 2010, p.28).

A fábula tem, portanto, conforme configuração de Rosa Lima (2012), duas partes substanciais que podem ser chamadas de o corpo e da alma: o corpo é uma narrativa breve que desenha as imagens e formaliza as ideias. A alma é a lição ou ensinamento (moral) que reflete as verdades materializadas pela narrative e que é estrategicamente separada da história para acentuar o significado ou o valor do que foi narrado, ocasionando um direcionamento da interpretação do leitor.

A sequência tipológica é a da narração, onde as histórias são contadas e vividas por animais que falam, pensam e agem como seres humanos. Exemplo, *A raposa e o bode*:

A raposa seguia acompanhada de um bode, seu amigo, belos chifres longos e retorcidos, porém de curta inteligência. Ficaram com sede e isso os obrigou a descer um poço, onde beberam à vontade. Satisfeitos ambos, disse a raposa ao bode: -E agora, compadre? Beber não foi difícil, a dificuldade será como daqui... (FERRI, 2010, p.06)

A partir desse exemplo também, com base nos estudos de Bronckart (2012) a constatação é a de que esse gênero apresenta um discurso autônomo, uma vez que sua interpretação não requer nenhum conhecimento do leitor a respeito do contexto de produção.

Ainda sobre a sequência predominante, a narrativa organiza-se no eixo do sucessivo que mobiliza personagens e se sustenta em um processo de intriga (BARROS, 2012), o que pode ser comprovado pela estruturação de suas fases conforme os apontamentos de Bronckart (2012): Situação inicial - apresentação inicial de estado ou situação de equilíbrio; Fase de complicação - introduz uma perturbação e cria uma tensão; Fase de ações - reúne os acontecimentos gerados pela perturbação; Fase de resolução - introduz acontecimentos que reduzem a tensão; Fase de situação final - explicita o novo equilíbrio obtido pela resolução; Fase de moral - explicita o significado global atribuído à história.

O quadro a seguir apresenta exemplificações de cada uma dessas fases da fábula *As duas mulas*.

Quadro 1: Sequência Narrativa – Fábula: *As duas Mulas* (FERRI, 2010, p. 24)

Situação inicial	Duas mulas seguiam lado a lado. Uma delas carregava um fardo de aveia, a outra levava um carregamento de prata; aquela trabalhava para o dono de um moinho e esta para o fisco. A mula que carregava prata andava altiva, orgulhosa da rica carga que levava.
Complicação	Eis, porém, que um bando de ladrões caiu sobre as mulas.
Ação	A que levava aveia foi ignorada, pois sua carga pouco valia. Já a outra foi seriamente ferida pelos ladrões na pressa de lhe arrancarem a carga
Resolução	– Por que isso foi acontecer comigo? – perguntou a mula, gemendo em agonia.
Situação final	– Se trabalhasse para um homem pobre e humilde como eu – respondeu a outra mula – nada disso teria acontecido.
Moral	Sofre maiores riscos quem assume maiores responsabilidades

Fonte: MOREIRA (2017, p. 60).

A sequência dialogal também participa dos aspectos discursivos que foram o gênero, que se concretiza apenas nos segmentos de discursos interativos entre as personagens. Para Bronckart (2012), essa sequência se estrutura em três fases: Fase de abertura - que coloca os interactantes em contato; Fase/s transacionais com a/s qual/is o

conteúdo temático da interação verbal vai se co-construindo; Fase de encerramento que finaliza a interação.

O quadro a seguir apresenta exemplificação da sequência dialogal.

Quadro 2: Sequência Dialogal - Fábula: *O lobo e o cordeiro* (FERRI, 2010, p. 24)

Fase de abertura	— O que está fazendo? Não está vendo que está turvando a minha água?
Fases transacionais	— Como eu poderia turvar sua água, senhor, se ela está correndo do senhor para mim? — Pois eu soube que você falou mal de mim no ano passado! — Impossível, senhor, pois no ano passado eu ainda não havia nascido. — Ah, então foi seu irmão mais velho! — Ora, não tenho irmãos, senhor!
Fase de fechamento	— Pois seria algum dos seus, que me odeiam, os seus pastores e cachorros. O que eu sei é que tenho de me vingar!

Fonte: MOREIRA (2017, p. 60).

As características linguístico-discursivas

Depreendemos de Bronckart (2012) que as características linguístico-discursivas referem-se aos mecanismos de textualização, os quais são amplos, por isso, seguindo nosso objetivo primeiro que é o de a partir de conhecidas as características da fábula, elaborar sequência didática para o ensino e aprendizagem da língua portuguesa destinada ao 6º ano, focamos em investigar e conhecer os mecanismos que se relacionam de uma forma mais direta aos conteúdos de ensino da referida série escolar.

Assim, analisando o organização da sequência narrativa, os tempos verbais no pretérito, perfeito e imperfeito, são os predominantes no gênero. Enquanto o pretérito perfeito indica os acontecimentos e os organiza cronologicamente, constituindo-se o fio condutor da narrativa e, portanto, o primeiro plano, o pretérito imperfeito refere-se aos

processos que ocorrem em segundo plano a partir dos acontecimentos principais da narrativa (BRONCKART, 2012). A seguir podemos observar esses aspectos no interior de *O grande congresso dos ratos*.

Certa noite, o inimigo dos ratos deu uma trégua, resolveu passear pelos telhados atrás de uma gata, com a qual ficou entretido em um longo colóquio; os ratos sobreviventes aproveitaram para se encontrar num congresso... (FERRI, 2010, p. 06)

O exemplo demonstra que o emprego do pretérito perfeito propõe uma sucessão de fatos dispostos em ordem cronológica e que serve de eixo de referência temporal.

Miciful. Gato astuto havia feito tal matança entre os ratos, que apenas se via um ao outro: a maior parte jazia morta. Os poucos que ousavam a sair do seu esconderijo passavam mil apuros: para aqueles desafortunados, Miciful não era um gato, mas o próprio diabo. (FERRI, 2010, p. 06)

O emprego do pretérito imperfeito no referido exemplo amplia, especifica ou comenta os fatos mencionados no primeiro plano.

Sobre a presença do presente do indicativo nas sequências dialogais, elas estabelecem uma relação de proximidade entre as personagens e para causar, segundo Bechara (2009, p. 276), um aspecto de “novidade das coisas atuais”, como se a história tivesse acontecido no tempo presente, como é possível verificar no fragment de *A andorinha e os outros passarinhos*:

— Corram agora se alimentar, pois quando o lavrador não estiver mais ocupado cultivando a roça, ele vai colocar as armadilhas para prender e matar o maior número de vocês. Vão agora e, depois, mudem de clima ou se escondam em seus ninhos, já que não podem voar pelos ares como eu, buscando novos mundos.

As avezinhas, cansadas de ouvir os avisos da andorinha saíram em debandada praguejando contra ela:

— Tagarela! Está debochando de nós! (FERRI, 2010, p. 18)

Sobre as vozes, assim como aponta Fernandes (2001) podemos encontrar na fábula vozes do narrador, das personagens e do autor. Os fatos são contados por um narrador-observador, que se utiliza da terceira pessoa do singular para introduzir as ações e a voz das personagens como nas passagens destacadas de *A rã que queria ser do tamanho do touro*:

Havia uma rã de tamanho normal, igual ao de todas as rãs. Certa vez, avistou um touro e ficando invejosa do tamanho dele, se pôs a inchar. A cada esforço, a rã ficava mais e mais inflada e perguntava às outras rãs:

— Irmãs, já estou do mesmo tamanho deles?

E a cada negativa a rã inchava mais. Tanto que, de repente, explodiu. (FERRI, 2010, p. 09)

A seguir destacamos as vozes das personagens em contraste com a voz do narrador em um fragmento de *O lobo e o cordeiro*:

Um cordeirinho estava tomando água em um regato quando um lobo surgiu. O lobo reclamou:

— O que está fazendo? Não está vendo que está turvando a minha água?

— Como eu poderia turvar sua água, senhor, se ela está correndo do senhor para mim? (FERRI, 2010, p. 24)

A voz do autor pode ser percebida mais explicitamente na moral da história. Segundo Fernandes (2001), a moral é uma espécie de resumo da intenção do fabulista ao contar determinada história. Vejamos a voz do autor presente em *O leão e o mosquito*:

Esta fábula nos diz que os inimigos mais terríveis podem ser os menores; e que depois de vencer os maiores perigos, às vezes sucumbimos diante do menor dos obstáculos. (FERRI, 2010, p.18)

Outro elemento linguístico-discursivo que caracteriza o gênero é o emprego do discurso direto e do indireto, que se realizam nas sequências dialogais e com o uso de pontuações específicas. As personagens, na maioria das vezes, realizam a ação de falar e/ou

pensar, na ocorrência do discurso direto. Segundo Bechara (2009), o discurso direto é uma reprodução ou tentativa de reproduzir fielmente e textualmente a fala das personagens, com ajuda explícita ou não de verbos dicendi: disse, respondeu, perguntou, afirmou, etc. Os verbos dicendi são geralmente seguidos de dois pontos ao encerrar a declaração textual, a fim de anunciar a passagem da palavra de uma pessoa (personagem, narrador) a outra pessoa. E, ao ocorrer o início da fala de um novo interactante, há incidência do travessão. Dentre outras funções, o travessão indica a mudança de interlocutor na transcrição de um diálogo. Exemplos:

Emprego do discurso direto com troca de interlocutores marcada pelo travessão em *A andorinha e os outros passarinhos*:

— Não me agrada o que vejo. E meu receio é por vocês, não por mim que posso ir viver em qualquer lugar, ao longe e a salvo dos perigos. Estão vendo aquelas mãos ágeis? Pois o que elas espalham trará a desgraça para vocês... (FERRI, 2010, p. 18)

Emprego do discurso direto com troca de interlocutores marcada pela aspas em *Os dois touros e as rãs*:

Dois touros altivos lutavam pelo amor de uma novilha. Uma rã, num atoleiro perto dali, gemia e soluçava. -O que tem?!, perguntou-lhe uma companheira. -Não compreende no que esta contenda vai resultar? Um vencerá e o perdedor baterá em fuga, renunciando àquela viçosa pradaria. E sem poder desfrutar de seus pastos, o perdedor virá se alimentar com o mato verde da nossa região e poderá nos pisar debaixo d'água. Seremos nós as vítimas desse combate provocado pela dona novilha. (FERRI, 2010, p. 11)

E sobre exemplificação do discurso indireto, apresentamos um trecho de *O leão e o mosquito*:

Foi então que o mosquito abandonou a peleja, triunfante proclamando vitória. Correu anunciar em todas as partes o acontecido, que ele havia derrotado o rei

dos animais, mas no caminho esbarrou numa teia de aranha e foi este o fim de suas proezas. (FERRI, 2010, p. 18)

Os adjetivos têm uma papel muito importante na caracterização da personalidade e caráter dos personagens, que como mencionado representam os seres humanos. Contudo, a fábula apresenta uma baixa ocorrência direta de adjetivos, por isso há pouca descrição. Assim, a caracterização das personagens se constrói pela relação de sentidos atribuídos ao perfil de cada animal, em outras palavras, a emissão de juízo fica a cargo do leitor por meio da associação das características atribuídas aos animais-personagens, que segundo Fernandes (2001), são escolhidos conforme características que servem para a comparação com as atitudes humanas. Observe o fragmento de *A raposa e o bode*:

Satisfeitos ambos, disse a raposa ao bode: -E agora, compadre? Beber não foi difícil, a dificuldade será como daqui. Levante suas patas e também seus chifres; apoie-se contra o muro – primeiro subirei por suas costas, treparei depois sobre os chifres e, desta maneira, chegarei à boca do poço. Uma vez lá em cima, eu o puxarei. -Por minhas barbas!! – exclamou o bode. -Parabéns! A mim jamais me ocorreria tão feliz ideia. (FERRI, 2010, p. 06)

No trecho em destaque, podemos verificar que, apesar de não aparecer adjetivos diretamente relacionados à raposa, o autor constrói o diálogo de modo que o leitor construa a imagem de uma raposa astuta, esperta e inteligente.

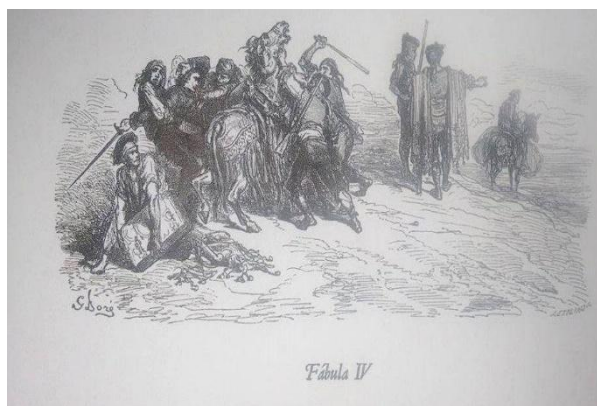
De acordo com pesquisa de Fernandes (2001), alguns animais nas fábulas apresentam características fixadas ao longo do tempo, o que auxilia na construção do sentidos pelo leitor. Por exemplo, comumente, a raposa é astuta, esperta e inteligente; o leão é forte, poderoso; o pavão, vaidoso; o lobo, mau e feroz; o burro, estúpido, ingênuo, bobo; o cordeiro, ingênuo, inocente, frágil; o cão, fiel, protetor, amigo; a cobra, ardilosa, perigosa; a formiga, trabalhadeira, organizada; a tartaruga, vagarosa, lenta; o corvo, feio, agourento.

Sobre os elementos paratextuais (quadros, imagens, cores) nosso *corpus* é formado por ilustrações de Gustave Doré, são gravuras clássicas que se referem a algum acontecimento da história e retratam os ou um dos personagens principais.

Considerações finais

Conhecidos os elementos que caracterizam o gênero fábula, após ter respondido as perguntas norteadoras que formam o DS de Barros (2012), um modelo do gênero pode ser construído, contudo, em uma adaptação da proposta do ISD, de se construir um modelo didático, um texto original, formado com as características socio-comunicativas, discursivas e linguísticas do gênero, consideramos que os exemplares que formam o nosso *corpus* são textos modelos que já apresentam as referidas características, não tendo, portanto, a necessidade de construirmos um único ou novo modelo didático do gênero fábula. A título de exemplificação, transcrevemos uma das fábulas da obra de Ferri (2010)

As duas mulas



Duas mulas seguiam lado a lado. Uma delas carregava um fardo de aveia, a outra levava um carregamento de prata; aquela trabalhava para o dono de um moinho e esta para o fisco.

A mula que carregava prata andava altiva, orgulhosa da rica carga que levava.

Eis, porém, que um bando de ladrões caiu sobre as mulas. A que levava aveia foi ignorada, pois sua carga pouco valia. Já a outra foi seriamente ferida pelos ladrões na pressa de lhe arrancarem a carga.

— Por que isso foi acontecer comigo? – perguntou a mula, gemendo em agonia.

— Se trabalhasse para um homem pobre e humilde como eu – respondeu a outra mula – nada disso teria acontecido.

Sofre maiores riscos, quem assume maiores responsabilidades.

Fonte: (FERRI, René. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.10

Vale explicar que a partir dos resultados, neste trabalho apresentado, elaboramos uma sequência didática, como planejado, a qual será implementada em sala de aula.

Esperamos que essa nossa apresentação dos elementos que caracterizam a fábula possam servir de ferramenta para outros professores interessados em conhecer de forma mais específica o gênero e em organizar as atividades de ensino e aprendizagem da língua materna tendo como eixo norteador a fábula.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**, tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAGNO, Marcos. **Fábulas Fabulosas. In: Práticas de leitura e escrita** / Maria Angélica Freire de Carvalho, Rosa Helena Mendonça (orgs.). Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. **Gestos de ensinar e de aprender gêneros textuais: a sequência didática como instrumento de mediação**. 2012. 366f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. 2ª ed. São Paulo: Editora da PUC-SP, EDUC, 2012.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje**. 2 ed. São Paulo: Quíron/Global, 1982.

_____. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FERNANDES, Mônica Teresinha Ottoboni Sucar. **Trabalhando com os gêneros do discurso: narrar: fábula**. São Paulo: FTD, 2001.

FERRI, René. **Fábulas de La Fontaine: obra-prima da literatura universal - Volume I, II e III**. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010.

ROSA, Lúcia Regina Lucas; LIMA, Renan de Moura Rodrigues. O uso das fábulas no ensino fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. CIPPUS. **Revista de Iniciação Científica do Unilasalle**, Canoas – RS, n. 1 maio/2012, 153-169.

MACHADO, Anna Rachel; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. A construção de modelos didáticos de gênero: aportes e questionamentos para o ensino de gênero. In: **Linguagem em (Dis)curso** - LemD, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 547-573, set./dez.2006. Disponível em: <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/linguagem-em-discurso/0603/060309.pdf>.

MACHADO, Irene de Araújo. **Literatura e redação: os gêneros literários e a tradição oral**. São Paulo: Scipione, 1994.

MOREIRA, José Aparecido. **Fábulas: a produção de um caderno pedagógico destinado ao 6º ano do ensino fundamental**. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio/PR, 2017. Disponível em: <https://uenp.edu.br/profletras-dissertacoes/profletras-dissertacoes-t2/9454-jose-moreira-2017/file>. Acesso em: 10-04-2018.

OLIVEIRA, Gabriela Rodella de; RODRIGUES, Flávio Nigro; CAMPOS, João Rocha. **Português: a arte da palavra**. 6º ano. São Paulo: Editora AJS, 2009.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Portuguesa – Departamento de Educação Básica**. Curitiba, SEED, 2008.

RODRIGUES, Marinéa Silva Figueira; LIMA, Julia Maria Domingos; MARTINS, Vera Vieira. As Fábulas no processo de Alfabetização e Letramento. **Revista Mosaico**. 2016 Jan./Jun.; 07 (1): 38-43.